

## LITERATURA CONTEMPORÂNEA COM(O) DISCIPLINA

Tânia Regina Oliveira Ramos\*

Este texto é motivado pelo desejo de *atar* algumas *pontas* de minha vida acadêmica a partir da prática docente, de conclusões de textos que tenho escrito, de trabalhos que venho desenvolvendo *dentro de, paralelo a* ou *a partir de* minha *pesquisa sobre ficções contemporaníssimas, verdades no plural*. O que eu pesquiso e o que eu ensino? O que eu ensino e o que lhes cobram?

Estabeleço, para tanto, um diálogo com o trabalho intitulado *Literatura(s) com(o) disciplina(s)*. *Sabe quanto mede meu saber*<sup>1</sup>? que apresentei no GT História da Literatura, durante um dos encontros do Grupo de Trabalho História da Literatura. Nele procurei mostrar que os “antigos provões”, instituídos para avaliar nacionalmente os cursos, precisariam de um debruçar-se daqueles que têm participado de discussões acadêmicas contemporâneas, não pelo que os “provões”, literalmente *provas grandes*, representaram em si, mas pelas questões propostas e pelos mecanismos de seleção de nomes e textos canônicos. Neles não havia nenhum espaço para a inclusão de especificidades regionais e urgências da contemporaneidade, que dão sentido à própria criação estética, aos bens culturais, e que se tornam cada vez mais necessárias para nossos alunos reconhecerem o seu lugar, a sua função neste universo de linguagens em que vivem. Em outras – ou mesmas palavras – queremos dizer que mesmo sabendo que a questão da alta cultura confrontada à cultura de massa mobiliza grande parte da discussão teórica a partir dos anos 70, poucos espaços tem se reservado ainda para incluir os alunos na complexa discussão do valor e de um novo sentido para a literatura.

Considerando a problemática do contemporâneo e sua relação com um passado

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina

<sup>1</sup> Ensaio apresentado no XVII Encontro da ANPOLL, em Gramado, RS, julho de 2002.

nem sempre tão recente como pode nos parecer, do ponto de vista da atividade docente, a inclusão de alunos de graduação, em uma pesquisa que vai além do que ele aprende ou aprenderá nas quatro, cinco, seis, sete literaturas brasileiras curriculares é sempre um desafio. Como inteirá-los e fazê-los participar ativamente de um tempo *presente* não só da literatura, mas do próprio processo cultural? De que lugar poderemos falar deste exercício quase diário de pesquisa, da atenção aos lançamentos, às entrevistas televisivas, à leitura dos suplementos culturais, das resenhas publicadas em revistas semanais ou especializadas, às vitrines das principais livrarias da cidade, à lista dos mais vendidos, às bienais, aos prêmios literários, e que é este o caminho para identificarmos com crítica e criatividade o eixo de todo um processo ideológico de canonização da produção cultural, dentro do qual estamos condenados a exercer a nossa lucidez? Por outro lado, como levar os alunos, de forma sistemática, a não ignorar hoje o poder dos novos recursos disponibilizados pela mídia? Será que todos nós concordamos que a mídia hoje toma para si funções que já foram da escola, dos professores e da própria universidade, e que ela tem um papel decisivo na formação destas novas gerações com uma linguagem veloz e atraente? É essa cultura que impõe novos condicionamentos e formas de percepção e conhecimento. A questão é saber como nós e eles nos relacionamos com esse novo cenário. Ao pensar sobre o contemporâneo, Boaventura Souza Santos sintetiza a dimensão de nossa atual responsabilidade: “é cada vez mais importante fornecer uma formação cultural sólida e ampla, quadros teóricos e analíticos gerais, uma visão global do mundo e suas transformações”<sup>2</sup>. O debruçar-me sobre estas manifestações recentes me convence hoje que, se um dia for possível (re)unir, Universidade e mídia<sup>3</sup> – a Literatura terá mais ganhar do que perder, em todos os sentidos, e o cânone futuro será ainda mais representativo de um determinado tempo e contexto.

Situar nossa prática em uma perspectiva de abertura para realidades contemporâneas, para além das fronteiras institucionais, é a forma que se encontra de contribuir para o entendimento da cultura erudita como um todo e da literatura como uma forma específica de produzir significações para as práticas sociais. Se isto vai ser alcançado, parece impossível – e para tal indagação é que estamos sempre buscando respostas – mas estaremos mais do que satisfeitos por se estar – ainda que de forma precária, dialogando e nem sempre concordando com nossos pares em congressos, seminários, encontros, e com aqueles e aquelas que escrevem a história da cultura, em rodapés ou em colunas medidas por caracteres, sem o ônus ou o compromisso de nossos nem sempre reconhe-

---

<sup>2</sup> SANTOS, Boaventura Souza. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 195-196.

<sup>3</sup> OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Eric. *Literatura & Mídia*. RJ: Editora PUC e Edições Loyola, 2002.

cidos méritos e títulos acadêmicos. O que eu quero expor é esta angústia entre o que se faz e o que se tem de fazer<sup>4</sup>, entre o nosso embate cotidiano e os conteúdos programáticos obrigatórios de ementas que, mesmo sendo constantemente repensadas, não fogem da lógica binária da exclusão e da inclusão de autores e textos de um elenco já canônico.

Parece que há entre nós um consenso, e é esta inquietação que sempre compartilho com meus pares, de que se não se pode *submeter programas de ensino e pesquisa às imposições dos processos avaliativos do Estado* não se pode igualmente subordiná-los aos imperativos do mercado. É preciso sim fazer opções e definir prioridades a respeito do que ensinar e do que pesquisar. Esta não é uma tarefa simples, pois exige, de um lado, um domínio aprofundado dos conteúdos para poder avaliar o que é relevante em determinadas áreas de conhecimento e, de outro, uma capacidade avaliativa daquilo que promete ser bom para o futuro profissional de Letras, bacharel, pesquisador e futuro professor.

Está claro que não perdemos de vista que somos nós, professores, que podemos *escolher, privilegiar e interpretar certos recortes da realidade cultural, histórica, social no nosso trabalho docente*. Professor e aluno, semestre a semestre, ano a ano, tornam-se participantes do processo de produção e reprodução do conhecimento. Hoje é difícil esta tarefa: se fizermos sempre igual perdemos de vista que aquele que hoje senta à nossa frente é um mesmo, renovável a cada semestre, mas poderá nos surpreender dizendo-nos em 2005, que nasceu em 1987. Temos alunos e alunas que estão nascendo nos anos 90, praticamente junto com os PCs, celulares, novas tecnologias... Torna-se assim premente uma ruptura com o que tradicionalmente foi posto e repostado como inerente à produção docente, ou seja, transmitir um saber pronto e acabado.

Nesta perspectiva, torna-se também imprescindível que nos perguntemos o que significa participar deste processo e que responsabilidade isto representa. Não há como omitir este tipo de reflexão. A aprendizagem da Literatura Brasileira, por exemplo, implica encurtar caminhos, aprender de forma rápida o que a História da Literatura Brasileira construiu e acumulou principalmente ao longo destes dois últimos séculos. Mas de qual História da Literatura falamos? Qual o mecanismo de poder que busca a hegemonia dos saberes dos muitos cursos de Letras do Brasil? O que devemos ensinar? De qual contemporâneo se fala?

---

<sup>4</sup> Falo de um lugar: do Curso de Letras da UFSC onde as atividades semestrais o ensino de graduação são obrigatórias e onde não foram implantados o estágio de docência, sugeridos pela CAPES. A média de disciplinas na graduação por semestre são duas ou três; um, dois ou três programas. No ensino de pós-graduação fazemos alternância de oferta de disciplina, um semestre sim, outros não (salvo algumas exceções).

Nos encontros acadêmicos, nos periódicos especializados, praticamente nós todos somos pesquisadores e professores de universidades públicas ou confessionais, onde ensino e pesquisa<sup>5</sup> parecem aproximar-se, à medida que a aprendizagem envolve o perfil do pesquisador. O interrogar, o perguntar e buscar soluções diferentes tornam-se cada vez mais uma atitude que se evidencia como central na nossa vida seja nas próprias práticas cotidianas, seja na nossa vida profissional ou intelectual.

Assim, o que significa hoje ser professor de Letras, mais especificamente de Literatura? As incertezas que afligem a universidade não são apenas institucionais<sup>6</sup>. Nós próprios como não poderia deixar de ser, nos encontramos envolvidos nessa crise de identidade de nosso objeto. O que é a literatura? Literatura é mesmo tudo o que se ensina? *O que esperam de nós os alunos, o que deseja de nós a sociedade?* Podemos também perguntar: serão as expectativas dos alunos ou da opinião pública com relação à atuação da Universidade o ponto ao qual devemos nos render incondicionalmente enquanto pesquisadores e docentes universitários?

Estou me valendo neste ensaio das importantes idéias do ensaio “Ensino Superior e formação: elementos para um olhar ampliado de avaliação”, do Professor Pedro Gorgean, incluído no livro *Reflexões sobre o ensino superior*<sup>7</sup>. No seu estudo, o autor nos diz que perdemos de vista os riscos que isso implica uma vez que os grupos de pesquisa se alinham com a idéia da fragmentação tais como os departamentos de ensino. Em outras palavras:

De outra parte, a conexão que se estabelece entre o ingresso de alunos pós-graduandos via grupos de pesquisa apresenta um lado interessante pela aproximação desejável entre ensino e pesquisa, mas não deixa de ser preocupante pelo isolamento e por permitir que alunos se formem sem que seus pontos de vista intelectuais tenham sido compartilhados no contexto ampliado da sala de aula com pontos de vista diferentes, indiferentes e divergentes”.

Cabe também concordar com a questão de que cada professor *incorpora conhecimentos e habilidades que lhes parecem convenientes, forma a sua biblioteca, desenvolve sua maneira de ensinar, assume a sua disciplina* (ou briga pelas suas preferidas....) e se coloca como “o professor da disciplina” diante dos alunos. Cito literalmente Pedro

<sup>5</sup> Neste simpósio, por exemplo, na ampla soma todos professores da UFF, da UFRJ, da PUCRS, PUCRJ, UERJ, da UFPA, da UNESP, da UEFS, da UFPR, da FURG e da UFSC. O mesmo aconteceu na ANPOLL, onde estavam também professores da Unicamp e da UnB.

<sup>6</sup> Uma boa reflexão sobre a Universidade hoje foi feita pelo professor Dr. Dilvo Ristoff em seu livro *Universidade em Foco*, publicado em Florianópolis, no ano de 2000, pela Editora Insular.

<sup>7</sup> In SOBRINHO, J. Dias e RISTOFF, D. *Reflexões sobre o ensino superior*. Florianópolis: Insular, 1999, p. 69-98

Gorgean: “Não se trata de negar a necessidade e o direito de cada docente de se empenhar no desenvolvimento de sua carreira, nas suas publicações, nas participações em eventos etc. Mas será que este aspecto individual não precisa de uma face mais coletiva?”

Neste capítulo intervalar da minha pesquisa sobre *ficções contemporaníssimas* e o não lugar destes textos na *Literatura com(o) disciplina* ou no não lugar na sintomática prisão de grades curriculares não posso deixar de lembrar que a literatura contemporânea, por maior que seja sua força de transgressão, transitará, um dia, pelos corredores da instituição, passa pelo seu controle e que nestes mesmos corredores dilui-se a crise das escolhas e a tensão deste diálogo com um grupo de alunos, interrompido quase sempre na penúltima fase do Curso. Pensar o Provão, por exemplo, como o fiz no calor da hora, foi concluir que não foram as respostas dos avaliados que poderiam nos esclarecer, mas as perguntas formuladas. Qual o espaço que se tem reservado, por exemplo, não mais no *provão*, mas nas provinhas, para pensar os cânones e as referências da literatura brasileira contemporânea – autores e obras, ao lado de questões como margens, saberes, gêneros, fronteiras, crítica, silêncios e vazios, ideologias, mercado, mapas? Até que ponto, ao lado da herança cultural a ser aprendida ou ampliada, proporcionamos a circulação de novas obras para que os alunos participem deste processo de seleção do que poderá permanecer e o que deverá ser descartado como efêmero? Devemos encontrar um espaço ou não para discutir com os alunos, e falo particularmente dos alunos de graduação, que a literatura brasileira contemporânea (ou contemporaníssima) inscreve-se em um significativo movimento editorial? Se poderia chamar este mo(vi)mento de “a arte de conquistar autores” ou “a materialidade e a inscrição econômica da literatura” ?

Desde 1980, novos nomes, alguns modos, muitas falas. As leituras dos textos literários em si, as escolhas e os recortes, os nomes próprios na capa, a inserção crítica na mídia impressa, os mais vendidos – *Objetiva, Companhia das Letras* – poderiam servir para cada um de nós, junto aos nossos alunos, tanto como (re)construção de um referencial histórico ou teórico, que explique a literatura hoje, quanto a questão da precedência do nome do autor sobre a obra e a compreensão de algumas especificidades textuais destas narrativas, por exemplo, que compuseram a coleção *Plenos Pecados e Literatura ou Morte* (podendo mencionar ainda a coleção *Plenos Pecados*, os volumes publicados de *Cinco Dedos de Prosa*, os *Perfis do Rio* e afins). Prestamos atenção na Coleção Amores Extremos, publicada pela Editora Record, incluindo apenas escritoras? Será esta a tendência da literatura para o século XXI? Este é um dos mecanismos para a formação do cânone ou do descartável contemporâneo? Conhecer estas “coleções” – ou obras – com sofisticados projetos gráficos, ler os seus textos e hipertextos, exercer a atividade crítica

motivada pelo espaço institucional, poderia resultar um projeto para se compreender efetivamente o que Marisa Lajolo e Regina Zilberman<sup>9</sup> prenunciam com o seu *preço da leitura*: a literatura por encomenda (por que não?), os profissionais da escrita, as narrativas ficcionais, elas mesmas, em sua autonomia, sua inserção em séries ou em uma certa tradição, práticas de leitura, textos, contextos e paratextos como História e como Teoria.

Será que, ao invés de ignorarmos recentes publicações, não é possível pensar diante de tantos nomes desconhecidos na capa, a função autor ou a morte do autor, pensar sempre, e cada vez mais, sobre a intertextualidade, sobre o hibridismo, através de um olhar crítico e analítico mesmo sobre as capas da coleção *Literatura ou Morte*, onde o minúsculo *Rubem* e o minúsculo *o doente* se apagam diante de um maiúsculo *Molière* e de um maiúsculo *Fonseca*, assim como Moacyr Scliar se igualando na capa a Kafka, Bernardo Carvalho a Sade, Luiz Fernando Veríssimo a Borges, Rui Castro a Bilac, Leandro Konder a Rimbaud<sup>10</sup>.

O meu objetivo aqui foi apresentar, para falar da relação *estudos literários e produção contemporânea*, alguns livros na sua materialidade e apresentar alguns traços que se destacam na prosa contemporânea e estabelecer, como já disse, uma conexão com as abordagens críticas, que já se fazem História da Literatura, nestes últimos dez anos de pesquisa e de ensino; e que já expus em alguns ensaios como “Ter que ler para crer” (1997)<sup>11</sup>, “Ficções brasileiras contemporâneas. Verdades no Plural (1998)”<sup>12</sup>, “Dentro deste (a)pós: muito abalo, novos nomes e outras falas (2000)”<sup>13</sup>, “Dores e refletores: os brutos também choram” (2000)<sup>14</sup>, “Narrativas *Cooltas*” (2001)<sup>15</sup>, “A dança das cadeiras:

<sup>9</sup> ZILBERMANN, Regina e LAJOLO, Marisa. *O Preço da Leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

<sup>10</sup> Estou falando especificamente de uma coleção que parece ter passado despercebida pela crítica e pelos estudos literários. Falo da coleção *Literatura e Morte* da Editora Companhia das Letras (São Paulo): *O Doente Molière* de Rubem Fonseca e *A Morte* de Rimbaud de Leandro Konder (ambos lançados em abril de 2000); *Medo de Sade* de Bernardo Carvalho (maio de 2000); *Os Leopardos de Kafka* de Moacyr Scliar e Stevenson sob as palmeiras de Alberto Manguel (junho de 2000); *Bilac vê estrelas* de Rui Castro e Borges e *os orangotangos eternos* de Luiz Fernando Veríssimo (dezembro de 2000) e *Adeus, Hemingway* de Leonardo Padura (abril de 2001).

<sup>11</sup> In *Cadernos de Literatura*, Rio Grande: FURG.

<sup>12</sup> In *Anais do II Congresso de Língua e Literatura*. UNOESC, Joaçaba, novembro de 1998, p. 31-40.

<sup>13</sup> In *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre. Volume VI, número 1, agosto de 2000, p. 73-79.

<sup>14</sup> In LAGO, Mara, RAMOS, Tânia Regina Oliveira e SILVA, Alcione. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p. 319-326.

<sup>15</sup> Publicação em CD-Rom dos *Anais da IV Seminário Internacional de História da Literatura*. PUC. RS, 2001.

será que fica uma?” (2001)<sup>16</sup>, “Literatura Brasileira Contemporânea: No limite ou a toda prova” (2002)<sup>17</sup> e “Literatura(s) *de peso*” (2002)<sup>18</sup>, “Palavras cruzadas. Dilemas da Representação”<sup>19</sup>, “A história da literatura como ilha de edição”<sup>20</sup>, “Os discurso de quem viu são profecias”<sup>21</sup>, “Talentos e formosuras”<sup>22</sup> e (Des)apontamentos biográficos<sup>23</sup>.

Usando a primeira pessoa, fazendo um balanço de uma produção acadêmica medida por caracteres, busco encontrar um dos caminhos para pensar e questionar o peso sociocultural desta literatura para o século XXI, muitas vezes esquecida, nas grades curriculares, mas sempre *no limite ou a toda prova*. O espaço da literatura contemporânea é aquele onde o professor mais do que nunca tem que se comportar como leitor. Ele não tem como se valer (ou se repetir) de uma fortuna crítica canônica e canonizadora. Mas ele tem como tentar exercer a sua força interpretadora e o seu potencial criativo no salutar exercício da leitura inaugural. O professor diante de um texto contemporâneo tem, ele mesmo, que responder à esfinge: decifra-me ou te devoro.

Foram estas inquietações que me levaram a escrever este novo texto intitulado *Literatura contemporânea com(o) disciplina*. Quando e como compartilhar estas questões e a nossa prática? Qual a história da literatura contemporânea que estamos escrevendo ou querendo escrever? Olhar o passado, querer entender o presente ou suspeitar do futuro? Para isto temos que prestar atenção sim naquela minha aluna da quarta fase que não lembra bem do Fernando Collor porque “só tinha três anos quando ele foi eleito”. O nosso passado recente é, na maioria dos casos, o futuro remoto de nossos alunos. Para a literatura, parece que se faz sempre necessário o verso de Drummond: O tempo é a *nossa*

<sup>16</sup> In *Cadernos Literários*. FURG, 2002.

<sup>17</sup> Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional da ABRALIC 2002. UFMG, julho de 2002 (no prelo).

<sup>18</sup> RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Literaturas *de peso*”. In TONELLY, Maria Juracy e RIAL, Carmen. *Genealogias do Silêncio*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 153-158.

<sup>19</sup> Ensaio a ser publicado, em 2006, pela Editora Mulheres, em um livro organizado pelas professoras Susana Borneo Funck e Luzinete Minella.

<sup>20</sup> Ensaio apresentado no XV Encontro Nacional da ANPOLL, em Maceió, 2004.

<sup>21</sup> Ensaio apresentado no Congresso Internacional da ABRALIC, em Porto Alegre, 2004, e que está sendo submetido para publicação em livro.

<sup>22</sup> Ensaio apresentado no Encontro Internacional Mulher e Literatura, UERJ, Rio de Janeiro, 2005 e que será incluído no livro *Estudos de Literatura Contemporânea*, organizado por Regina Dalcastagné e publicado pela Universidade de Brasília ainda em 2005.

<sup>23</sup> Ensaio apresentado no Seminário Internacional História da Literatura, PUC, RS, outubro de 2005 e já encaminhado para ser avaliado e publicado pela PUCRS.

matéria.... E se Literatura se ensina, e se ela é mesmo a nossa disciplina, nos restam mesmo, como professoras e professores de Literatura Brasileira Contemporânea, as universais perguntas de Derrida, que foram tão pertinentes para motivar esta leitura: *Onde estamos? O que representamos? Quem representamos? Somos responsáveis? Do quê e para quem?*